

Federação do Comércio de Bens, Serviços e
Turismo de Santa Catarina

ICF

Intenção de Consumo das Famílias

Núcleo de Estudos Estratégicos Fecomércio SC
Outubro de 2021

SUMÁRIO

SUMÁRIO EXECUTIVO	2
MOMENTO ATUAL: EMPREGO E RENDA.....	5
CONDIÇÕES DE CONSUMO: ACESSO AO CRÉDITO, MOMENTO PARA DURÁVEIS E CONSUMO	8
PERSPECTIVAS: PROFISSIONAL E CONSUMO	13
METODOLOGIA.....	15

SUMÁRIO EXECUTIVO

A Intenção de Consumo das Famílias Catarinenses (ICF) afunda na passagem do mês e atinge o menor patamar da série histórica, iniciada em janeiro de 2010. O índice chegou em 50,5 pontos, patamar pessimista que mantém-se nos últimos 18 meses. Nota-se que o movimento de retomada econômica e o avanço da imunização ainda são insuficientes para reverter os níveis de satisfação dos consumidores. Todos os componentes do ICF seguem com variação negativa em relação a fevereiro de 2020.

Em outubro, o resultado mostra cautela dos consumidores diante das dificuldades ocasionadas pela aceleração dos níveis de preços e do aumento das taxas de juros, sendo que a maior contribuição negativa está associada ao nível de consumo atual das famílias, que reduziu 16,2% frente a setembro, acelerando as perdas e renovando a mínima histórica pelo 13º mês sucessivo. Nesse campo, 92,1% dos entrevistados afirmam estarem comprando menos que antes. Além disso, o acesso ao crédito acelera a tendência de deterioração com a sexta queda seguida e 61,6% dos consumidores acreditam que comprar a prazo está mais difícil. A dificuldade no acesso ao crédito está em linha com o ciclo de alta da taxa SELIC que ocorre em 2021, passando de 2,0% para 7,75% ao ano.

Ainda, as famílias ampliaram a insegurança em relação às Perspectiva Profissional para os próximos seis meses, ao retroceder 4,2% na passagem do mês. Esse indicativo é reforçado pelo comportamento da economia em 2022, que apresenta projeções de diminuição e de possível estagflação (crescimento baixo com inflação elevada).

O impacto negativo foi atenuado pelo avanço das expectativas futuras das famílias para o consumo (6,13%) e para o índice de renda atual (4,06%). Nesse campo, o mercado de trabalho aquecido tem reforçado a renda das famílias, mas o poder de compra avança em sentido oposto devido à alta dos preços.

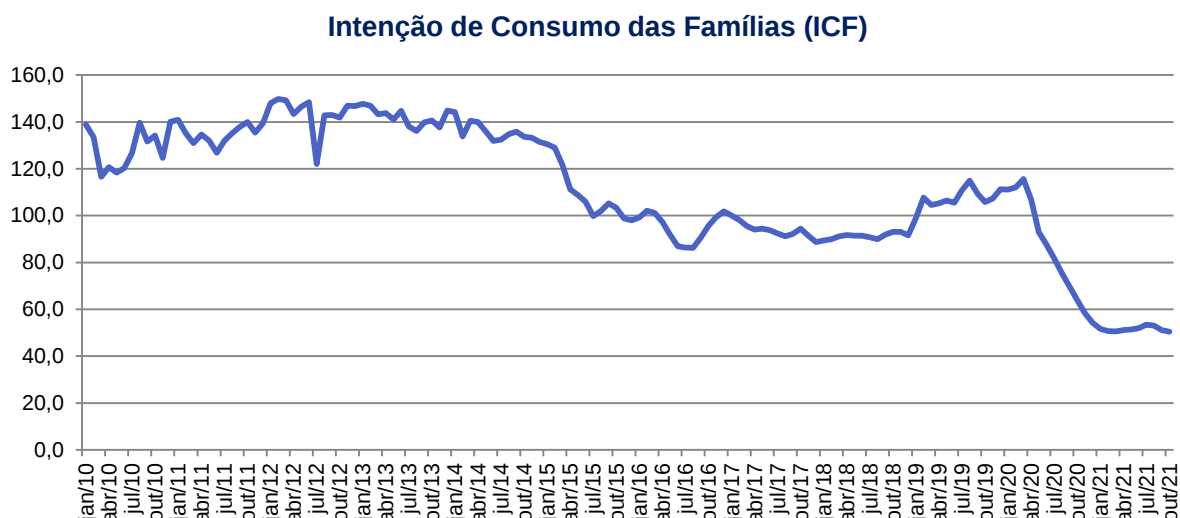
Intenção de Consumo das famílias catarinenses não reage e atinge mínima histórica

O indicador ficou em 50,5 pontos numa escala de 0 a 200

Indicadores	fev/20	out/20	ago/21	out/21	VARIAÇÃO MENSAL	VARIAÇÃO ANUAL - Igual período	VARIAÇÃO ANUAL - Fev.2020 (pré-pandemia)
Emprego Atual	123,5	78,1	54,1	53,4	-1,24%	-31,61%	-56,74%
Perspectiva Profissional	143,2	71,3	86,5	82,8	-4,22%	16,12%	-42,15%
Renda Atual	121,3	87,2	60,2	62,7	4,06%	-28,12%	-48,34%
Acesso ao Crédito	110,0	64,6	50,1	47,1	-5,96%	-27,06%	-57,17%
Nível de Consumo Atual	92,2	48,0	11,0	9,2	-16,20%	-80,81%	-90,02%
Perspectiva de consumo	111,1	62,3	51,9	55,1	6,13%	-11,49%	-50,40%
Momento para duráveis	83,2	36,0	43,9	43,0	-2,10%	19,60%	-48,29%
ICF	112,1	63,9	51,1	50,5	-1,22%	-21,02%	-54,97%

A Intenção de Consumo das Famílias (ICF), após movimento de recuperação entre abril e julho deste ano, voltou a consolidar trajetória negativa ao reduzir 1,2% diante do mês anterior, terceira queda consecutiva. O resultado destoa do nível nacional, que apresentou estabilidade em outubro. Apesar do movimento divergente, ambos os indicadores em termos absolutos situam-se no nível pessimista, 73,2 pontos (nacional) e 50,5 (Santa Catarina) pontos.

Ainda, o mês marca o retorno da intenção de consumo a mínima histórica. Essa situação tinha ocorrido em fevereiro de 2021, quando o Estado presenciou o recrudescimento da pandemia e a sobrecarga no sistema de saúde, condição não apresentada em outubro. Portanto, o resultado mostra as dificuldades ocasionadas pela aceleração dos níveis de preços e do aumento das taxas de juros. Além disso, entra no cenário a possível diminuição da renda das famílias em virtude do fim do auxílio emergencial e das incertezas sobre a aprovação do novo programa de distribuição de renda do Governo Federal. Já no comparativo anual, o movimento de queda acontece pelo décimo oitavo mês sucessivo, ao reduzir 21,0% e se distancia do patamar pré-crise em 54,97%.



A variação negativa no mês de outubro foi minimizada em virtude do crescimento das perspectivas de consumo das famílias (6,1%) e da renda atual (4,1%), situação equivalente ao do mês anterior. Esses indicadores estão mitigando maiores impactos negativos na intenção de consumo das famílias durante os últimos meses ao manter a trajetória de crescimento.

Do lado oposto, o Nível de Consumo Atual aprofunda e lidera novamente as perdas pelo quinto mês seguido, ao diminuir 16,2% frente ao mês anterior. Esse é um forte sinal de alerta, pois o movimento de queda não demonstra sinais de estabilização ou redução, com média de 12,0% durante o ano de 2021. Com esse resultado, o índice renovou a mínima histórica (9,2 pontos) pelo décimo terceiro mês consecutivo. A segunda maior queda está relacionada ao acesso ao crédito, que caiu 6% na passagem do mês, após cair 5% em setembro. Ainda, as incertezas sobre a manutenção do crescimento econômico de 2022 começam a refletir na perspectiva profissional das famílias para os próximos seis meses, que apesar de média positiva no ano corrente de 2,2% reduziu pelo segundo mês (-4,2%).

A pesquisa de Intenção de Consumo das Famílias permite avaliar tanto a situação atual quanto às expectativas e perspectivas dos principais aspectos relacionados ao consumo no estado de Santa Catarina. Também é possível analisar os dados conforme recorte de faixa de renda familiar menor ou maior que 10 salários mínimos (SM).

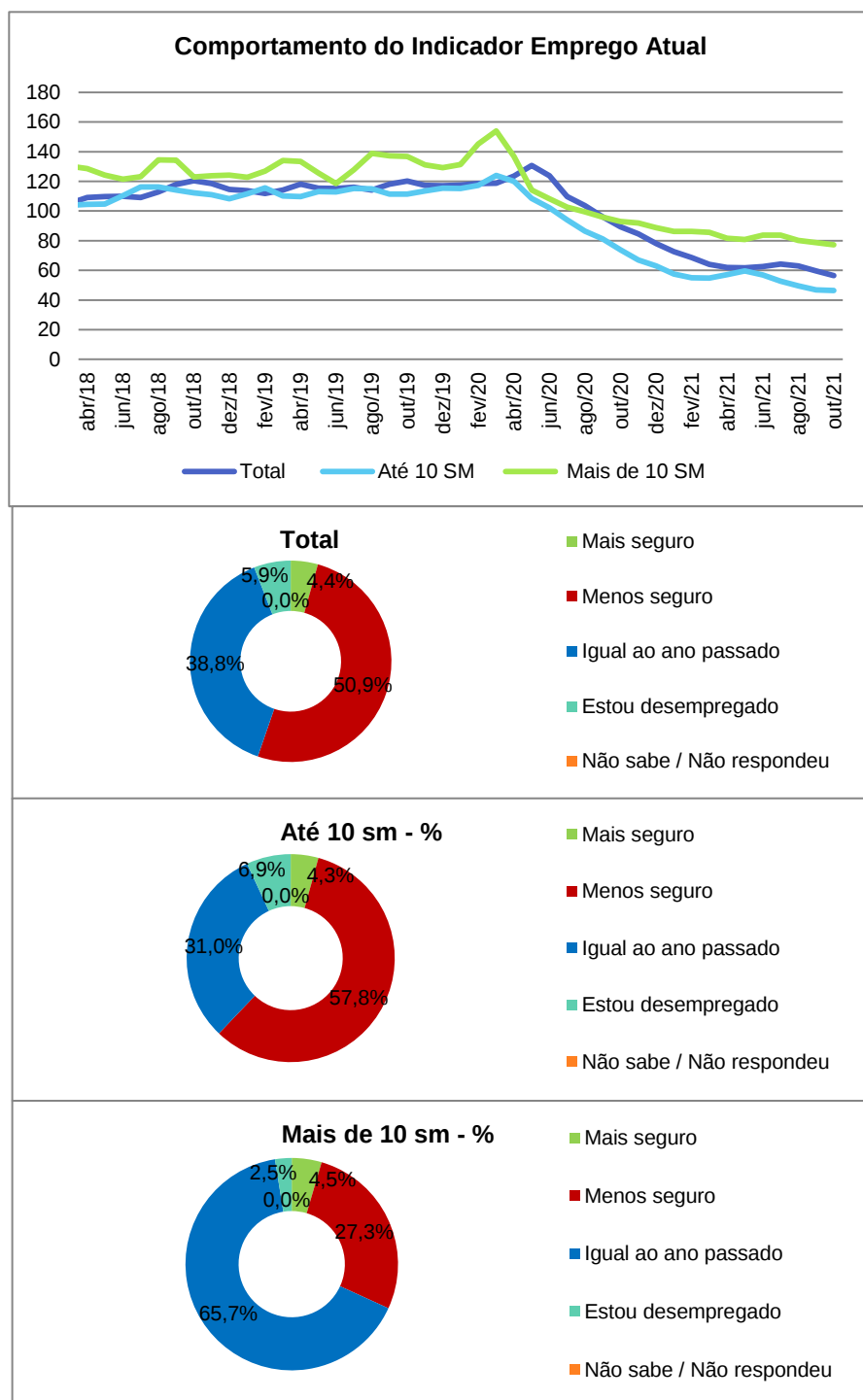
MOMENTO ATUAL: EMPREGO E RENDA

A expectativa do consumidor para o **Emprego Atual** desacelerou a trajetória negativa na passagem do mês, ao cair 1,2%, após retrair 4,3% em setembro. Muito embora o mercado formal de emprego no Estado apresente evolução consistente com a criação de mais de 176 mil novos postos de trabalho entre janeiro e setembro de 2021 e a taxa de desocupação tenha diminuído no 2º trimestre de 2021 (5,8%) em 0,4 pontos percentual diante do trimestre imediatamente anterior (6,2%) a insegurança das famílias é alta e está ganhando força.

Assim, o índice renova a mínima histórica da série pelo quarto mês consecutivo e permanece em patamar pessimista, ao situar-se em 54,1 pontos – valor considerado de sólido pessimismo numa escala que vai de 0 a 200. Ao analisar o mesmo período do ano anterior, o índice persiste em tendência negativa de 31,6% e está 56,7% abaixo do nível pré-crise (fevereiro de 2020).

Nesse contexto, 50,9% dos entrevistados indicam que estão menos seguros na permanência do Emprego Atual. Na

comparação anual, houve acréscimo de 8,8 p.p. em relação ao mesmo período do ano anterior (42,1%). Em outubro de 2020, 20,22% dos entrevistados

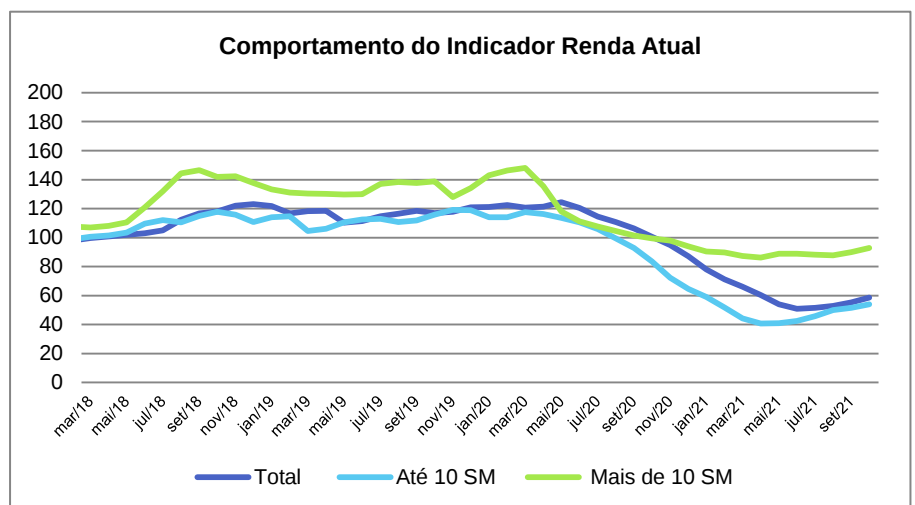


indicaram estar mais seguros com relação ao emprego, enquanto neste ano apenas 4,36% afirmam essa condição. Nota-se também que a quantidade de desempregos está reduzindo desde maio deste ano- naquele momento 10,49% dos entrevistados indicavam estar nessa situação, enquanto em outubro o resultado foi de 5,91%. Isso mostra o movimento positivo do mercado de trabalho catarinense.

A insegurança das famílias quanto à manutenção do emprego é um indicativo da continuidade da crise e das incertezas sobre a manutenção da retomada econômica. Além disso, esse resultado pode ser reflexo do fim do programa de manutenção de emprego e renda do Governo Federal, que minimizou as perdas de postos de trabalho e garantiu renda para as famílias. Entre a primeira e segunda versão do benefício, foram alcançados cerca de 521 mil trabalhadores formais em 970 mil acordos realizados, conforme dados do Ministério da Economia de 21 de setembro de 2021. Do montante de acordos, 396.902 ou 40% estão relacionados à suspensão de contratos de trabalho, resultado que indica que o programa evitou parcela considerável de fechamento de postos de trabalho, mas que leva à insegurança das famílias.

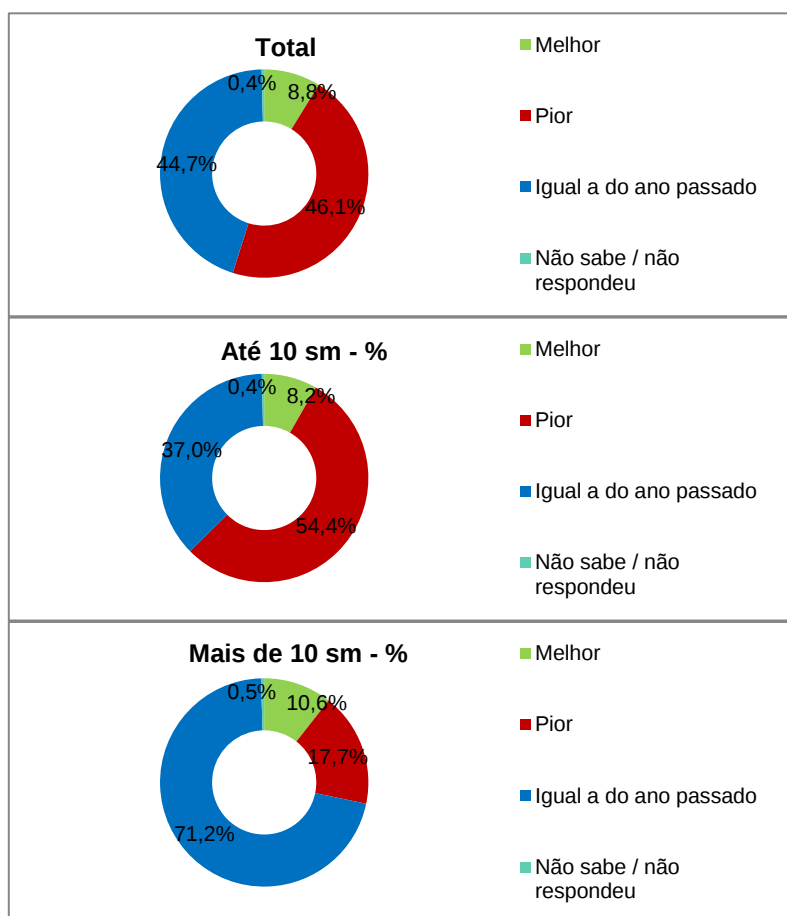
Com relação às faixas de renda analisadas na pesquisa, a tendência acompanha o indicador principal quanto ao grau pessimista das famílias. O impacto do emprego no grau de satisfação parece ser mais sentido para as famílias com renda abaixo de 10 SM, que apontou no mês 46,5 pontos, queda de 0,91% frente ao mês anterior, após cair 5,34% em setembro. De maneira similar, o ritmo das faixas acima de 10 SM também está em ciclo de redução ao cair 1,92% na passagem do mês, quarta queda seguida. Apesar de ambos estarem em patamar pessimista em termos absolutos, a maioria das famílias com renda maior indicam condição equivalente ao ano passado (65,7%) para a permanência no emprego atual, enquanto 57,8% com renda menor afirmam estar menos seguros.

O indicador da **Renda Atual**, após atingir a mínima histórica da série em abril (51,0 pontos), acelerou o movimento positivo ao avançar 4,1% na passagem do mês, sexta alta consecutiva. Essa trajetória ainda não foi suficiente para reverter o patamar pessimista do índice (62,7 pontos).



Apesar da alta, ao situar-se em 60,2 pontos, o indicador é o terceiro mais afetado no comparativo anual dentre os componentes do ICF, com queda de 36,0%. A criação dos postos de trabalho reforça a renda das famílias catarinenses, mas, observa-se que o avanço da renda não está sendo revertido na ampliação do consumo atual, que sofre reduções sucessivas. Essa condição pode estar associada às pressões inflacionárias, que avançou 1,27% em setembro, após alta no mês anterior de 0,87%. Esse resultado é o maior patamar em igual período desde o lançamento do Plano Real em 1994, quando chegou a 1,53% naquele ano. No acumulado de 12 meses, o IPCA atinge de 10,25%, maior patamar em 18 anos (15,14% - 2003) na comparação com igual período. Portanto, mesmo com a ampliação da renda, a inflação alta reduz o poder de compra e retarda o processo de retomada econômica.

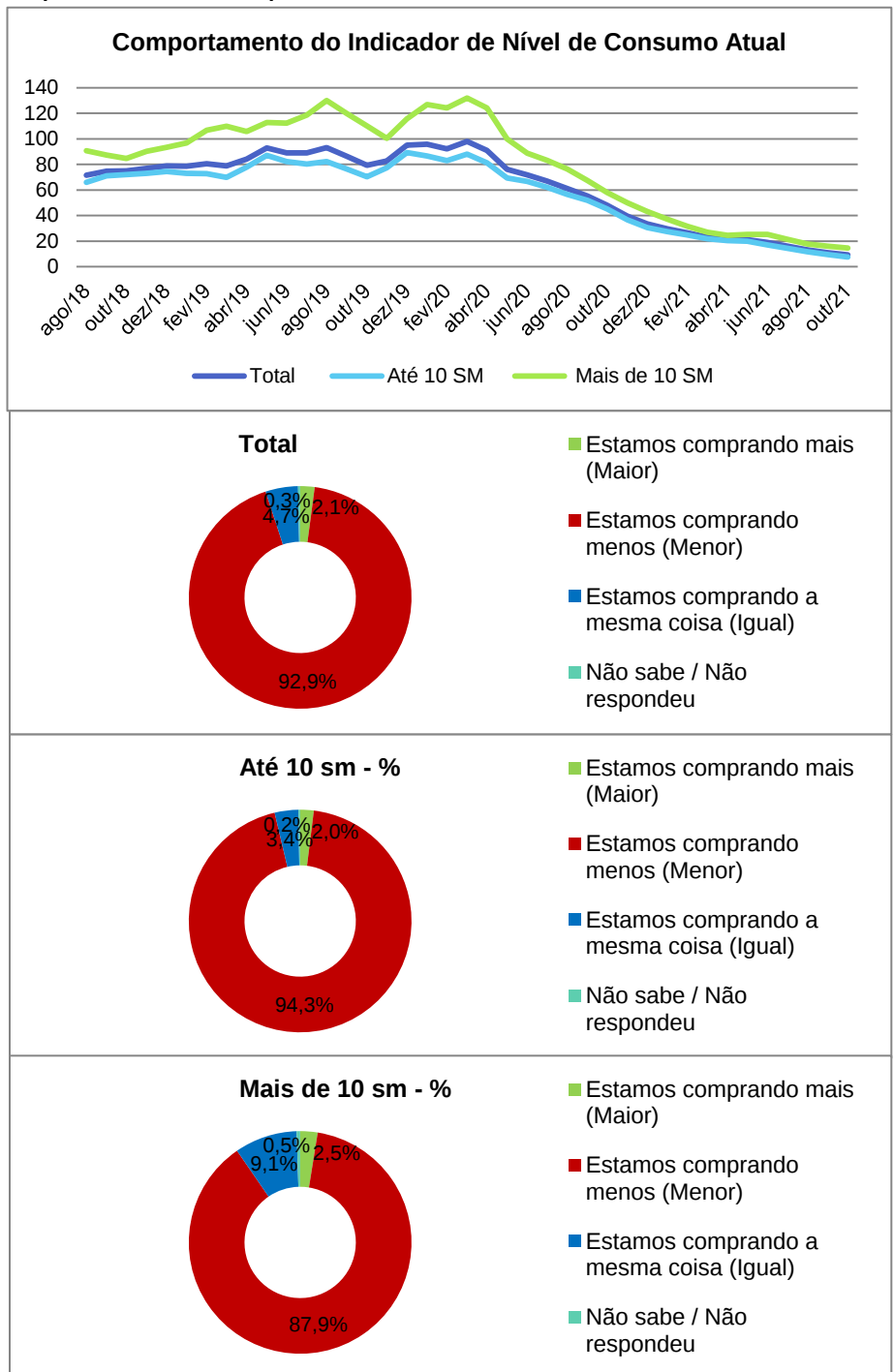
Esse cenário da renda é reforçado nas pesquisas realizadas pela entidade sobre a situação financeira das famílias, que apontam melhora no decorrer de 2021 ao comparar com o ano anterior, passando a refletir o movimento de retomada das atividades econômicas. Na pesquisa para a Black Friday, 40,4% dos entrevistados informaram ter situação financeira melhor que do ano anterior e 40,8% situação equivalente. Já 18,8% afirmam que a situação piorou, esse é o menor patamar registrado neste ano ao comparar com as demais pesquisas realizadas (Páscoa 43,1%; Dia das Mães 35,35%; Dia dos Namorados 25,60%; Dia dos Pais 29,0% e Dia das Crianças 23,3%). Além disso, as avaliações das famílias demonstraram que a maioria (46,1%) considerou a renda pior do que no ano passado, diante de 48,1% em setembro e 50,3% agosto. Ao analisar as faixas de renda, o impacto no indicador de renda atual é mais acentuado para as famílias com renda até 10 SM. Esse resultado é visível na manifestação de 70,2% das famílias com renda maior, que afirmam ter renda equivalente ao ano anterior, enquanto a renda maior 54,37% indicam piora na renda.



CONDIÇÕES DE CONSUMO: ACESSO AO CRÉDITO, MOMENTO PARA DURÁVEIS E CONSUMO

O indicador **do nível de consumo atual** é o componente com maior impacto negativo do ICF com perdas no comparativo anual de 80,8% com base em igual período. Além disso, segue trajetória de queda ao renovar a mínima histórica pelo décimo terceiro mês consecutivo ao atingir 9,2 pontos. Na passagem do mês, o indicador encerrou com forte queda de 16,1%, após redução de 16,2% no mês anterior e 17,9% em agosto e 15,9% em julho. O movimento de queda se mantém numa velocidade extremamente preocupante e completa o 19º mês seguido de movimento negativo, inclusive a média de 2021 alcança -12% e é superior ao resultado em igual período do ano anterior (-6,43%).

É interessante analisar que o impacto da pandemia sobre o nível de consumo ocorreu de maneira bastante similar para as duas faixas de renda analisadas, além disso, também renova o menor nível da série histórica neste mês em termos absolutos. Na evolução mensal média dos últimos 12 meses o nível de consumo para a faixa de renda de até 10 SM apresentou variação de -13,6%, enquanto para as faixas maiores a evolução foi de -11,0%. Em termos de

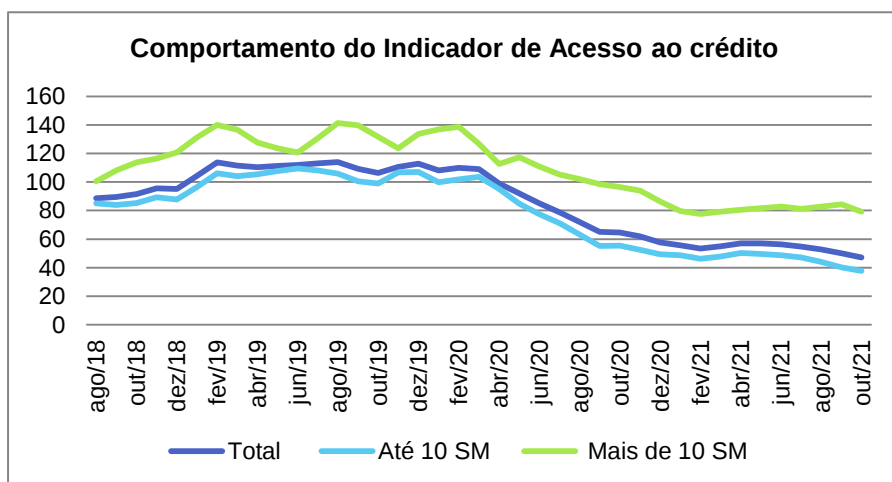


pontos, as faixas superiores de renda mantiveram-se em nível sustentadamente maior do que as faixas menores, movimento predominante que deve estar associado à precaução e represamento, com constituição de reservas em poupança e investimentos.

A aceleração na deterioração do consumo atual também é visível nas respostas dos consumidores. A pesquisa aponta que 92,9% dos consumidores relatam estarem comprando menos do que antes, aumento de 1,9 p.p comparada ao mês anterior (91,00%) e apenas 2,1% afirmam estarem comprando mais que antes. Valores opostos na comparação com setembro de 2020, onde 64,03% das famílias indicavam estarem comprando menos do que antes e 12,0% comprando mais.

Com relação às faixas de renda, esse cenário é equivalente para ambos os grupos: 87,9% dos entrevistados com renda acima de 10 SM relatam estarem comprando menos que antes e 94,3% para famílias com renda abaixo de 10 SM também indicam menos compras. A queda no consumo está relacionada aos impactos inflacionários, que corrói o poder de compra de todos os consumidores. Esse resultado é preocupante e indica que a retomada econômica pode ser freada se a intenção foi confirmada, situação que pode ser verificada em agosto deste ano, onde o volume de vendas do comércio varejista de Santa Catarina sofreu forte queda de 10,1% diante do mês anterior.

Com relação ao indicador de **Acesso ao Crédito** houve aceleração na trajetória de redução na passagem do mês, com queda de 6%, após diminuir 5% em setembro, 3,9% em agosto e 2,8% em julho. O ciclo negativo permanece pelo sexto mês consecutivo e coincide com o período de elevação da taxa de mercado. No comparativo anual a tendência negativa é mantida, com queda de 27,06% em relação ao ano anterior e o índice está 57,2%



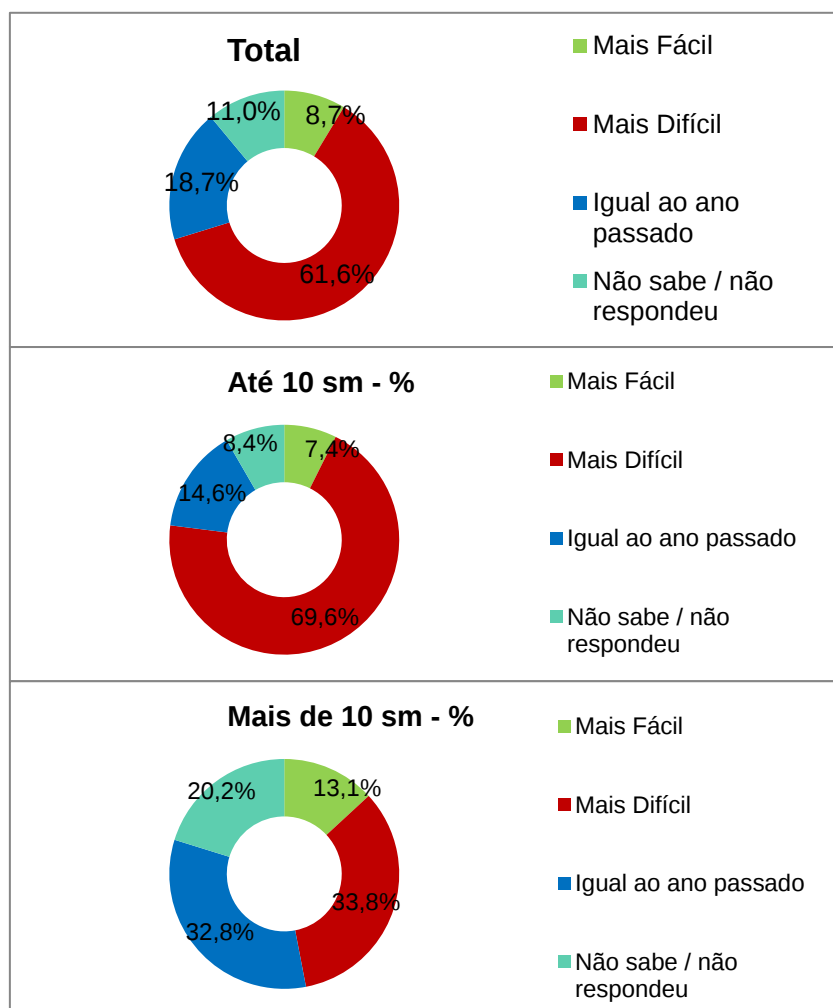
abaixo do patamar pré-crise, o segundo mais impactado dentre os componentes do ICF. Esse resultado leva o indicador em termo absoluto a renovar pelo terceiro mês consecutivo o menor patamar da série histórica da pesquisa, e mantém indicando perspectiva negativa das famílias para o acesso ao crédito ao situar-se em 47,1 pontos.

O movimento de queda deve estar ligado ao aumento na taxa SELIC que ocorre desde março deste ano, que resultou na elevação da taxa de 2,0% para 7,75% ao ano, acréscimo de 5,75 p.p. em um intervalo de 8 meses. Em ata da

reunião de outubro, o Comitê de Política Monetária (Copom) antevê nova alta em igual magnitude para a próxima reunião marcada para início de dezembro, assim, a SELIC pode fechar o ano em 9,25%. No âmbito das expectativas de mercado, o aperto monetário deve ser intensificado até atingir ao final do exercício 8,75%.

A SELIC baliza as taxas de juros praticadas em empréstimos ou financiamentos, assim os ajustes realizados interferem diretamente no mercado de crédito. Apesar da alta ocorrer desde março, as taxas de mercado levam um período mais longo para se adaptarem ao novo cenário, mas já é possível perceber trajetória de crescimento na taxa de juros das operações de crédito (Total), que passou de 20,09% em janeiro deste ano para 21,60% em setembro.

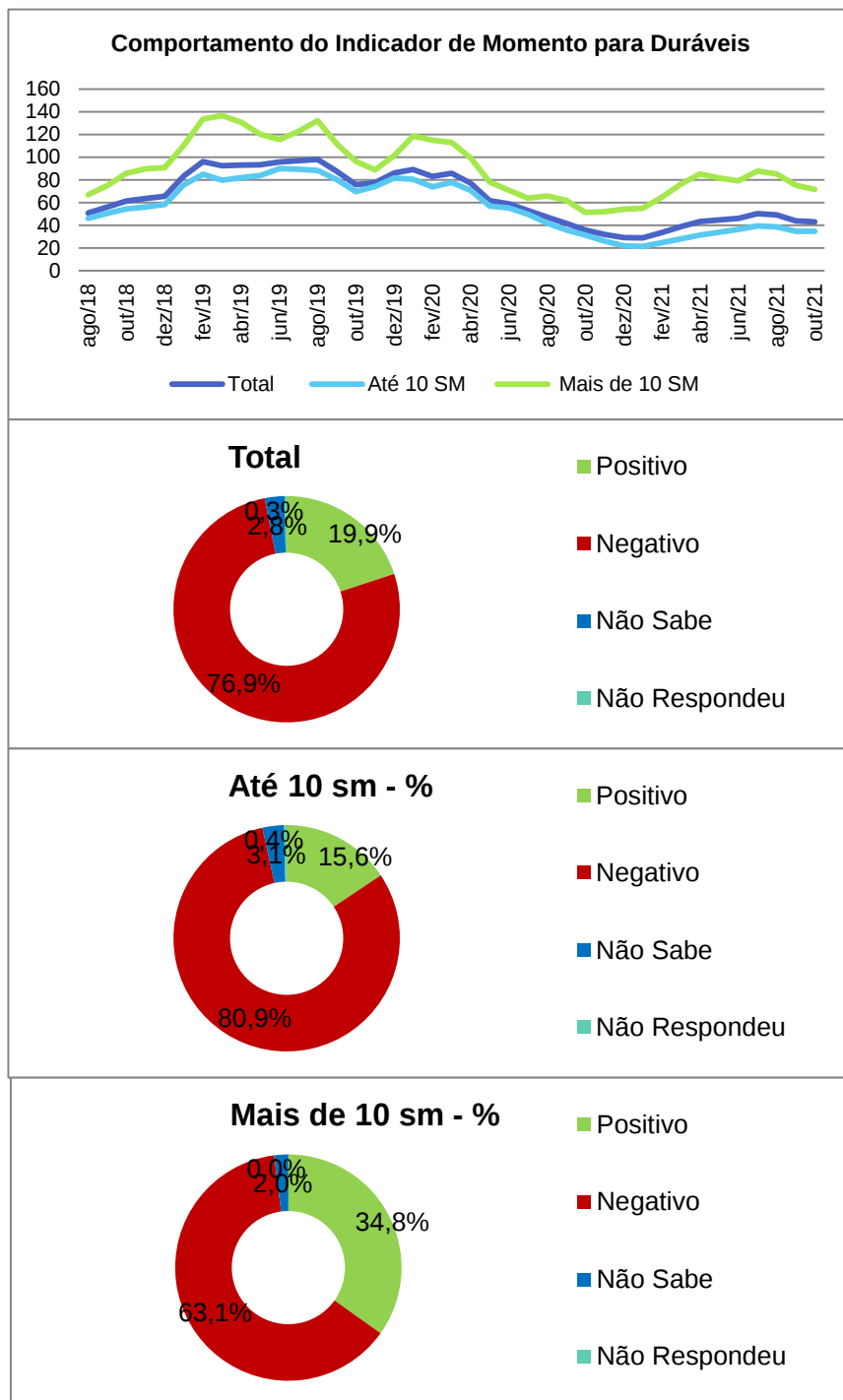
A proporção das famílias que acreditam que comprar a prazo está mais difícil teve acréscimo de 1,8 p.p na passagem do mês, alcançando em setembro 61,6% dos entrevistados, perante 59,8% em setembro, 57,8% em agosto e 56,1% em julho. Ao comparar com igual período de 2020 (53,41%), houve avanço de 8,2 p.p - essa proporção mais elevada pode ser reflexo da diminuição de linhas de crédito, restrições financeiras, falta de garantias ou da ampliação dos juros. Considerando o recorte de faixa de renda, as famílias com renda superior a 10 SM ultrapassaram em setembro/2020 o limiar que passa a considerar desfavorável o acesso ao crédito e a partir de novembro converge com a tendência das famílias com faixas abaixo de 10 SM. Na média da variação mensal em 12 meses, os grupos de renda são divergentes na proporção em termos absolutos (37,8 pontos para até 10 SM e 79,3 pontos acima de 10 SM), mas similar no movimento de diminuição, com queda de 3,1% (até 10 SM) e -1,5% (acima de 10 SM).



O **momento para duráveis** desacelerou o movimento de queda no mês de outubro, ao cair 2,1%, após queda de 10,5% no mês anterior. Essa é a terceira queda depois do movimento de alta que se mantinha por seis meses seguidos (entre fevereiro e junho deste ano). Essa situação foi reforçada em pesquisa realizada pela entidade no mês de agosto de 2021 que trata sobre o comportamento do consumidor catarinense para a realização de grandes compras, como carro, imóveis, moto, dentre outros. Dentre os entrevistados, 79,2% indicaram cautela ao afirmar que não pretendem adquirir algum desses produtos para os próximos seis meses.

Apesar da trajetória negativa, o componente permanece com variação positiva (4,3%) na média mensal do ano de 2021, assim, minimizando as perdas ocorridas nos meses anteriores. Ainda, o indicador momento para duráveis é o componente do ICF que mais reverteu as perdas em relação ao ano anterior para igual período, situação que tinha sido alcançada no mês de agosto, mas acelerada para 19,60% em outubro.

Importante notar que em termo absoluto, o momento para duráveis situa-se abaixo dos 100 pontos por 59 meses seguidos (desde dezembro de 2016), o que indica a persistência do patamar negativo mesmo antes da pandemia. O



indicador está atualmente em 43,0 pontos, após atingir a baixa recorde de 29,0 pontos em janeiro de 2021, considerando a série histórica iniciada em 2010. Esse nível é considerado ainda muito preocupante em termos absolutos.

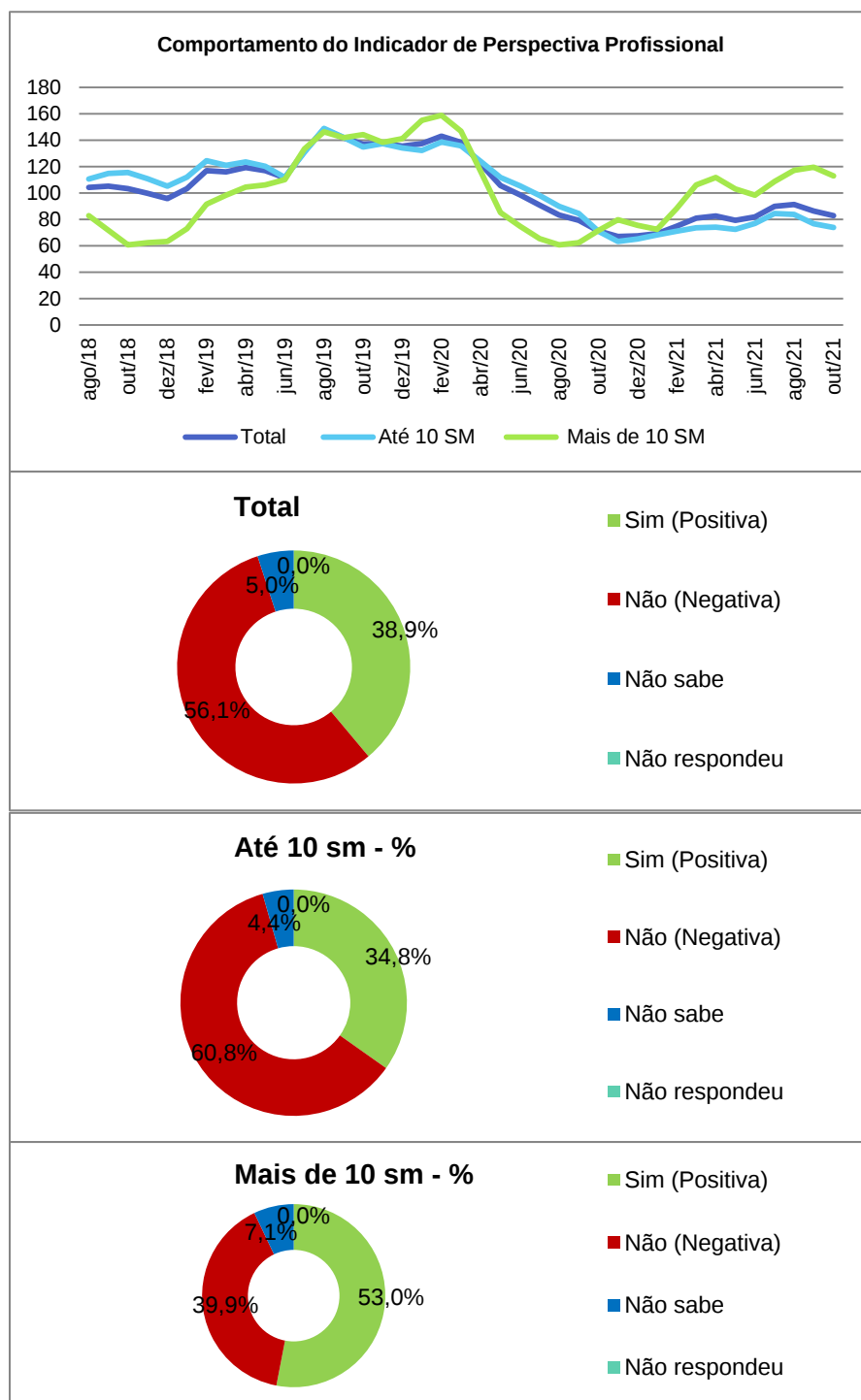
Com relação às faixas de renda, o impacto da pandemia ocorreu inicialmente de maneira mais intensa sobre as faixas de renda mais altas, que até março de 2020 se encontravam em patamar considerado favorável (acima de 110 pontos) e tiveram reversão de tendência, passando a indicar patamares abaixo dos 100 pontos. Entretanto, as famílias com faixa de renda de até 10 SM já enfrentavam tendência negativa para o consumo de duráveis desde dezembro de 2016, momento em que o nível de pontos estava acima dos 100. Ainda que os grupos de faixas de rendas também tenham apresentado queda na passagem do mês, ambos têm apresentado tendência de recuperação de maneira similar na média mensal do ano, de 5,0% (até 10 SM) e 3,0% (mais de 10 SM).

A parcela de consumidores que acreditam ser um momento negativo para compras deste tipo de produto atingiu 76,9%, próximo ao 76,4% observados no mês anterior. A proporção dos consumidores que acreditam ser um momento positivo para essas compras alcançou 19,9%. O elevado patamar pessimista reflete a maior restrição no acesso ao crédito observada na prática, assim, como é uma reação por parte dos consumidores frente ao cenário de incerteza futura, que o leva a adotar uma postura conservadora no consumo, evitando realizar gastos mais vultosos e o possível comprometimento da renda.

PERSPECTIVAS: PROFISSIONAL E CONSUMO

O indicador de **perspectiva profissional** para os próximos seis meses desacelerou o movimento negativo, ao reduzir 4,2% na passagem do mês, depois de cair 5,3% em setembro, mas foi a terceira maior queda dentre os indicadores do ICF. A diminuição não foi suficiente para reverter o movimento positivo do ano, assim o índice acompanha os componentes momento para duráveis (+4,3%) e a Perspectiva para o consumo (+0,8%). São os únicos indicadores com média de variação mensal positiva em 2021, de 2,2%. No comparativo anual, permanece em tendência de crescimento, patamar alcançado no mês de agosto e depois de 15 meses consecutivos de quedas - assim o índice apresenta crescimento de 16,12%.

Importante notar que mesmo com a retomada mensal positiva, em termos de valor absoluto, o indicador encontra-se em nível de percepção pessimista (82,8 pontos). A queda no mês ainda não pode ser observada como uma tendência, mas é um sinal de cautela, sobretudo, em relação ao comportamento da economia em 2022. A



expectativa do crescimento do PIB para 2022 está sendo reajustada durante as últimas quatro semanas pelo mercado, passando de 2,0% para 1,4%, conforme relatório Focus de 29 de outubro de 2021.

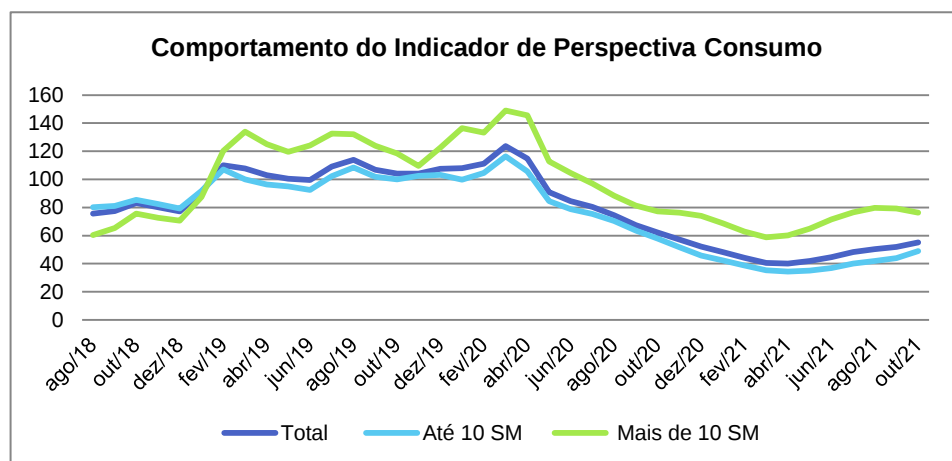
A maior parcela das famílias (56,1%) demonstrou uma perspectiva profissional negativa em outubro de 2021, enquanto, este valor foi de 54,3% no mês anterior e de 61,1% em igual período de 2020. Em relação às faixas de renda, a perspectiva profissional das famílias com renda acima de 10 SM foi muito mais duramente impactada no início, sendo o único indicador em que tal faixa ficou em patamar (60,7 pontos, ago/2020) inferior às faixas de renda familiar abaixo de 10 salários mínimos (90,1 pontos, ago/2020). Após reverter o patamar de confiança no mês de julho ao ultrapassar 100 pontos, o índice (119,7 pontos) interrompe movimento de alta, ao cair 3,5% diante do mês anterior, entretanto, o índice segue em patamar otimista ao situar-se em 113,1 pontos.

Já com relação à faixa de renda até 10 SM, as perspectivas profissionais continuam abaixo dos 100 pontos, mostrando tendência pessimista em relação à expectativa profissional, ao encerrar outubro em 74,00 pontos, queda de 3,6% frente ao mês anterior. Nessa faixa de renda menor, 60,8% dos entrevistados afirmam ter expectativa negativa para a profissão, enquanto na faixa maior, 53,0% indicam perspectiva positiva.

A **perspectiva de consumo** interrompe o ritmo mensal de variação negativa e acelera tendência de alta ao avançar 6,1% na passagem do mês, após variação de +3,0% no mês anterior e +4,2% em agosto. Mesmo com o avanço nesse período, o índice permanece em patamar negativo ao situar-se em 55,1 pontos e encerra outubro com média mensal no ano de 0,8%.

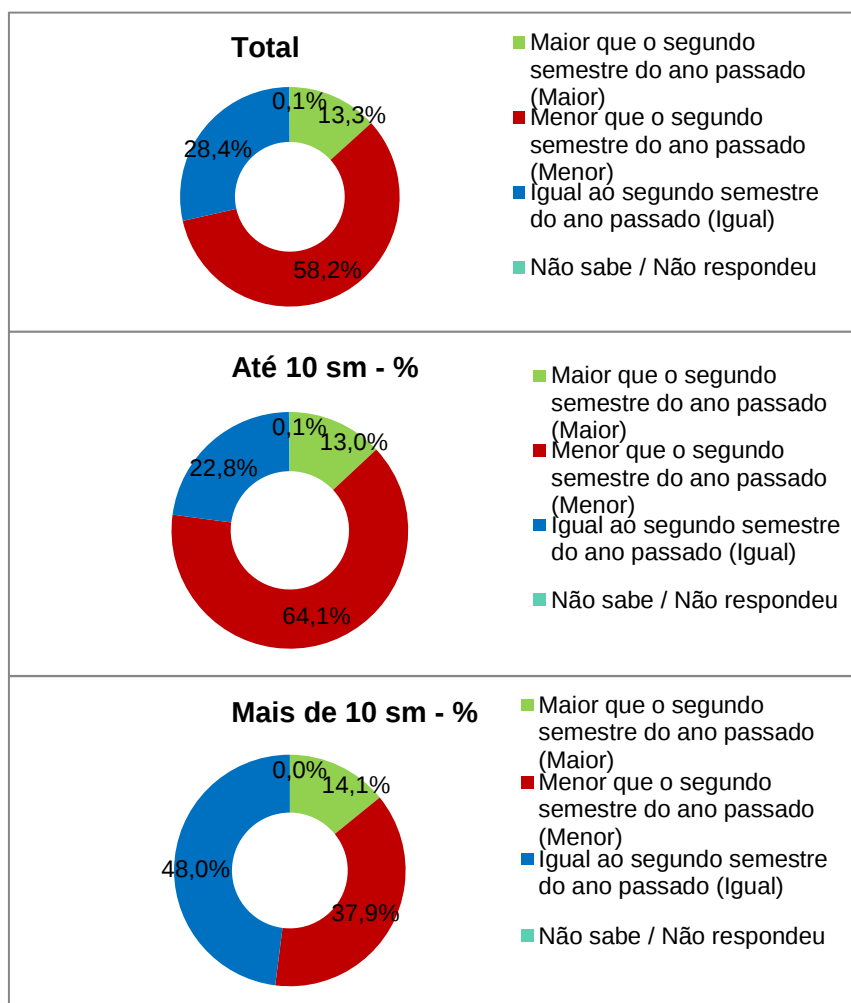
Apesar da trajetória de alta, o nível do indicador ainda apresenta riscos

futuro, pois a movimento pessimista pode persistir por diversos meses, como foi observado durante a crise de 2016, quando chegou a atingir o fundo de apenas 35,9 pontos em junho de 2016 após um pico de 121,1 em novembro de 2014. O índice está 50,4% menor que o período pré-pandemia, resultado que mostra que os impactos e as incertezas persistem. Por outro lado, é importante notar que a aceleração das perdas nos níveis atuais de consumo apresenta uma divergência entre as perspectivas. Os resultados mostram que as perspectivas se encontram em patamar superior ao nível atual de consumo, sendo assim, pode resultar em



uma melhora dos níveis atuais na medida em que tais perspectivas menos negativas se concretizem e passarem a reverter sua variação negativa.

Para 58,2% dos entrevistados as expectativas de consumo para os três meses seguintes serão menores, valor inferior ao apresentado no mês anterior (61,0%), ou seja, os agentes econômicos estão ajustando as expectativas, mas em um ritmo lento e gradativo. Com relação às faixas de rendas, a expectativa de consumo também é negativa para o grupo acima de 10 SM, mas os cenários são agravados para o grupo com até 10 SM, onde 64,1% das famílias têm previsão de consumo menor para os próximos meses.



METODOLOGIA

Foram entrevistados na primeira semana do mês consumidores em potencial, residentes no Município de Florianópolis, com idade superior a 18 anos.

Para fixar a precisão do tamanho da amostra, admitiu-se que 95% das estimativas poderiam diferir do valor populacional desconhecido “p” por, no máximo 3,5%, isto é, o valor absoluto “d” (erro amostral) assumiria, no máximo, valor igual a 0,035 sob o nível de confiança de 95%, para uma população constituída de consumidores em potencial.

Preferiu-se adotar o valor antecipado para “p” igual a 0,50 com o objetivo de maximizar a variância populacional, obtendo-se maior aproximação para o valor da característica na população. Em outras palavras, fixou-se um maior tamanho da amostra para a precisão fixada.

Assim, o número mínimo de consumidores a serem entrevistados foi de 500, ou seja, com uma amostra de, no mínimo, 500 consumidores esperou-se que 95% dos intervalos de confiança estimados, com semiamplicitude máxima igual a 0,035, contivessem as verdadeiras frequências.